

A DRAMATURGIA DO PALETÓ E GRAVATA

Cyro Bernardes

Prof. Ass. Doutor do Depto de Administração
da FEA/USP.

Na primeira reunião de chefias convocada pelo diretor e marcada para quarta-feira, todos compareceram de paletó e gravata. Todos, menos um. Na segunda reunião, marcada para sábado pela manhã, todos compareceram de camisa esporte. Todos, menos um. Este não sabia que a sociedade desenvolve culturas que as organizações desdobram em subculturas, nas quais a roupa constitui um símbolo. Assim, o paletó e gravata indicam o formalismo do encontro durante o horário de expediente, enquanto que a camisa esporte nega a obrigatoriedade do comparecimento a reuniões em pleno sábado.

É evidente a inconveniência do uso de paletó e gravata para o trabalho no meio da graxa das máquinas (e nem os salários pagos são suficientes para comprá-los). Com isso torna-se um símbolo da classe social que dirige os que pegam no pesado. Não é a-toa que as multinacionais exigem (ou exigiam) que os engenheiros de fábrica usassem gravata numa camisa cujo detalhe importante é o bolsinho para lapiseira e caneta, ferramentas importantes para quem vive de anotações e não do serviço braçal. Mas, nas empresas nacionais isso já não ocorre, de sorte que andam de camisa aberta ao peito todos aqueles que ainda não conseguiram se livrar de atividades operacionais, tanto os que transformam matéria-prima em produtos acabados quanto os que trans-

formam papel branco em folhas datilografadas ou rabiscadas. Essa síndrome se estende também às escolas técnicas, desde o nível médio até a pós-graduação, onde o mestre enverga a mesma camisa de riscadinho dos alunos.

Diferente é a situação de quem mexe com "negócios", seja o banqueiro-dono ou o bancário-gerente, seja o corretor de títulos da Bolsa ou de imóveis em plantão de vendas. Todos transacionam com dinheiro alheio, e isso exige uma aura de credibilidade de pessoas sérias, em cujas mãos se pode deixar cheques com zeros em quantidade.

Muita gente pensa que só os antiquados e conservadores é que usam paletó e gravata. Isso pode ser verdade para uma pequena minoria em fase de extinção. A maioria, porém, é constituída por jovens e senhores de meia-idade, cujo grupo de referência é o dos executivos das grandes empresas, ou o dos políticos em evidência. Nessa fauna, o ápice está no uso do colete, fato esse que explica a necessidade de ar condicionado nos escritórios.

Os gerentes engravatados têm ainda a vantagem de poderem "arregaçar as mangas" para dar a impressão de trabalho duro. Uma desvantagem existe, porém. É a de mostrar claramente que, quando de paletó, está chegando ou saindo fora do horário. Todavia, os entendidos em dramaturgia ad-

ministrativa transformam esse ponto fraco em ponto forte, deixando simplesmente o paletó em casa, e assim indo e vindo sem despertar suspeitas. Naturalmente isto nada tem a ver com a ultrapassada técnica de deixar um surrado paletó na cadeira para sugerir "deve ter saído por um momento, mas está no prédio".

Por outro lado, a exclusão do paletó e gravata é muito útil aos indivíduos propensos ao sadomasoquismo. Dessa maneira, o uso de camisa esporte em casamentos, enterros, missas de sétimo dia ou no coquetel de fim de ano dado pelo presidente, permite a pessoa agredir os outros de forma clara, e também de ser rejeitado por todos.

O importante é que pela indumentária se pode impressionar ou passar despercebido. Afinal, a natureza vestiu o pavão e o peru de forma a se fazer notar pela pavoia e pela

perua, e a perdiz de forma a desaparecer entre as ramagens do cerrado. Assim, o paletó e gravata identificam o trato com negócios e complementam a cadeira de espaldar alto, a escrivaninha limpa de papéis e os quadros abstratos na parede. Já a camisa esporte identifica o ramo operacional e complementa os arquivos de aço, os rolos de desenhos e os gráficos na parede. Dentro desse contexto, a camisa aberta ao peito do subordinado lhe dá uma vantagem; não faz o chefe engravatado suspeitar que pretende vir a ocupar seu cargo.

Agora, falando sério, a roupa constitui uma parte da linguagem corporal, podendo sugerir o ranço da repartição pública, o calor e a sujeira da fábrica, a sofisticação do mundo dos negócios, ou a alienação dos cientistas. O importante é utilizá-la por fora e rir de tudo isso por dentro.